

# O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

## SUMMARIO

ULTRAGE AO SANTISSIMO SACRAMENTO EM TERRAS DE SANTAS CRUZ. — SECÇÃO RELIGIOSA: *A proposito do mez de Maria no Funchal*, por G. R. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *A Agricultura, etc.*, por M. A. A. C. — SECÇÃO HISTORICA: *O mosteiro de Iça do Balio — O Beato Garcia Martins, II*, pelo R.º João Vioira Neves Castro da Cruz. — SECÇÃO LITTERARIA: *Coisas, II*, por um vimaranense; *A Cigana*, por D. Maria del Pilar Sinues, versão de J. de Freitas, (continuação); SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: por F. de Guimarães. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 30 DE JULHO

### O ultraje ao Santissimo Sacramento em terras de Santa Cruz

A *Boa Nova* do Pará traz-nos a seguinte noticia, que nos enluta a alma, como acontecerá a todos os nossos leitores:

« Ante-hontem ás 6 horas da tarde um empregado da secretaria do governo, Marcelino Barata, agrediu de modo virulento e furioso o revd.º sr. padre Felix Onesimo Poncelet, que transportava o Santissimo Sacramento em Viatico a um enfermo.

Este infeliz moço esquecendo todas as normas do decoro proferiu com uma vehemencia de pasmar os nomes mais obscenos e degradantes que póde ter o vocabulario dos alcouces não só contra o virtuoso sacerdote mas directamente contra o augusto Sacramento dos nossos altares!...

Cae-nos a penna da mão!...

O digno sacerdote portou-se com a maior calma, dando logo de marcha para evitar que, em semelhante necessario de furia, aquelle desditoso moço chegasse a traduzir em factos a vio-

lencia material que ameaçava praticar contra o augusto Sacramento e o digno sacerdote.

Toda a cidade acha-se possuida da mais profunda indignação.

É inaudito entre nós um desacato tão violento contra a pessoa de Nosso Senhor Jesus Christo!

Já não sabemos a quem recorrer, por isso limitamo-nos a gemer alto para, ao menos, sermos ouvidos do povo catholico. »

É espantosamente horrivel o que ahí fica transcripto do nosso esclarecido collega brasileiro! E, em vista do que lá se pratica, que devemos nós admirar, nos *espíritos fortes* que de lá veem, se não accões tão desgraçadas, tão dignas de lastima como a que praticou um empregado do governo?

O esclarecido prelado do Pará, o sabio escriptor D. Antonio de Macedo Costa, pronoveu desde logo uma demonstração de desaggravo, publicando uma notavel pastoral, que bem mostra o quanto estava magoado o seu coração de pastor, por ver desgarrada uma de suas ovelhas.

Eis a pastoral:

D. ANTONIO DE MACEDO COSTA, POR GRAÇA DE DEUS E MERCÊ DA SANTA SÉ APOSTOLICA, BISPO DO GRAMPARÁ, ETC.

Ao Clero e fiéis do Pará o Amazonas, saude, paz e benção em Jesus Christo Nosso Salvador.

Irmãos e filhos muito amados.

Tem-se por desgraça multiplicado n'estes ultimos tempos os desacatos ao Santissimo Sacramento, quando é levado pelas ruas em Viatico aos enfermos. Não sómente se encontram pessoas que nenhum signal de respeito dão a Aquelle Supremo Senhor e Rei da Gloria a quem os Anjos a lram estremecendo, mas que advertidas, ainda que mansamente, pelo Sacerdote ou pelos assistentes, prorompem em insultos e descortezias bem reprehensiveis. Estes factos, Irmãos e Filhos muito amados, já eram para Nós motivo de sobeja tristeza e amargura diante do Senhor, quando hontem 20 do corrente pelas 6 horas da tarde, dou-se novo desaca-

to, revestindo circumstancias tão horrendas, tão execraveis, que a penna fica trémula recusando retraçal-as. Ia um respeitavel sacerdote em procissão pela rua do Espirito Santo, levando o Sagrado Viatico a um enfermo, quando um senhor, que nos consta ser empregado publico, postou-se em um logar, de chapéo na cabeça e em posição desrespeitosa, e como fosse advertido em termos urbanos para que se ajoelhasse, começou a vociferar, proferindo improperios e affrontas as mais baixas, as mais obscenas, não só contra o digno Sacerote, que, feita aquella observação caridosa, continuava calado o seu caminho, mas ainda contra o mesmo Augustissimo e Adorabilissimo Sacramento, a quem ousou atirar blasphemias tão baixas, tão imundas que, ao ouvi-las repetir, ficamos transidos de horror, como se o sangue se nos congelasse nas veias.

Ah! que tristes accentos, que soluços profundos de dôr hão de romper do nosso peito para exprimir a amargura, a magoa dilacerante de que nos achamos possuido? Quem ha de medir a extensão d'este mar d'angustias que nos afoga o coração! Será possível? Oh! Senhor Deus! será possível que n'uma terra civilisada e christã, como esta nossa, se dêem desacatos horroños como este de que o ar d'esta cidade está ainda estremecendo? Não bastavam já tantas desordens, tantos escandalos atrozes? Não bastavam já os insultos dirigidos aos Ministros da Religião, e as calunias com que nos buscam deshonrar? Não bastavam as profanações do culto de Deus e da Immaculada Virgem Maria de que temos sido, n'estes dois ultimos annos, consternadas testemunhas? Ai! Era preciso que o atrevimento da impiedade subisse a este ponto de aproveitar-se de uma procissão em que ia levando pacificamente o Augustissimo Sacramento como Viatico a um enfermo, para vomitar os mais baixos e covardes vilipendios, as blasphemias mais asquerosas e atrozes contra a Pessoa mesma do nosso Adoravel e Amantissimo Salvador Jesus Christo! Deus Senhor de misericordia, porque o permittis-

tes? Porque não foram logo esmagadas as horriveis blasphemias sobre o labio impuro que as proferia? Jesus! Paciencia infinita! Oh! que amor! oh! que paciencia! Vós soffrestes a brutalidade d'este insulto, como soffrestes a bofetada do soldado da paixão! Paciente, porque sois eterno! Mas nós é que não podemos supportar, Senhor, que sejaes assim injuriado, não já por ingratos judeus, mas por um christão baptisado! Nós é que não podemos resignar-nos com esta idéa, amorosissimo Jesus, de vos vêr assim, n'uma nossa rua publica, desacatado, coberto de opprobrios os mais soezes, os mais imundos!

Não, isso é que não podemos tolerar. Havemos de levantar a voz com toda a energia, com todas as forças vivas de nossa alma, para estigmatizar tão horroroso procedimento! Havemos de fazer resoar os nossos clamores até os céos, protestando solennemente contra tão estúpido e selvagem attentado! Havemos de invocar a carta constitucional d'este imperio catholico, d'este imperio cujo nome verdadeiro e historico é o de Terra da Santa Cruz, até vermos o nosso culto respeitado e exercido com a liberdade que a mesma carta constitucional lhe garante. Enfim, com os nossos suspiros, com os nossos prantos vertidos entre o vestibulo e o altar, com as supplicas humildes que nossos corações rasgados de dôr poderem formular, procuraremos desaggravar o Coração ferido do nosso Deus e sua Bondade ultrajada! « Retroe, pois, a trombeta em Sião! diremos com o Propheta. Offerecei ao Senhor solemne jejum; convocae a assembléa dos fieis; congregae todo o povo; adverti todos em geral que se purifiquem; ajuntae os velhos, chamae os meninos, até as creanças de peito; e saia o esposo de sua camara e a esposa do seu leito. Os Sacerdotes e Ministros do Senhor, postos entre o vestibulo e o altar, chorarão e dirão: Perdôa ao teu povo, e não entregues a tua herança ao opprobrio, para que a impiedade das nações não a domine, e não digam entre si, com a costumada soberba: Onde está o Deus d'elles? E o Senhor zelará a honra de sua terra e perloará a seu povo.» (Joel, Cap. II, 15 a 18).

Irmãos e Filhos dilectissimos, já que o inferno alargou o seu seio, e abriu desmesuradamente a sua boca, para arrojear sobre esta terra christã escandalo d'esta ordem, nós não devemos mais ter paz, nem socogo até applicarmos a justiça do Deus Omnipotente com nossos jejuna, com nossas orações, com nossas lagrimas,

com a pratica mais fiel de nossos deveres christãos!

Haja da parte do povo catholico d'esta diocese uma reacção imponente contra o monstruoso procedimento que cobre n'este momento de luto e de tristeza os corações de todos os filhos da Igreja!

« E' necessario que haja escandalos », diz o Divino Mestre no Evangelho; (Math. XVIII, 7.) porque por occasião d'elles prova-se melhor a fidelidade dos bons, e renova-se o ardor dos verdadeiros christãos na pratica das obras de caridade e de Religião. « Mas ai d'aquelle homem por quem vom o escandalo! »

O que acaba de succeder é para nós ameaça tremenda de Deus! E' um signal aterrador dos tempos que vamos atravessando! A que profundos abysmos caminha titubando esta desgraçada sociedade? As blasphemias proferidas ha pouco no recinto d'uma assembléa, respondem agora estas blasphemias e estes desacatos da rua! A impiedade vae trasbordando em excessos inauditos; uma desordem chamada por outra desordem, o sangue toca ao sangue, e a cadeia dos escandalos não sorá mais interrompida!

Ah! opponhamos ao menos, como barreira, os nossos peitos fieis a esta invasão sacrilega que ameaça afundar na maior desmoralisação nossa querida Patria! Opponhamo-nos, protestemos, reparemos. Reparemos, quanto em nós estiver, a affronta feita contra a Magestade da Religião, a fé d'este povo catholico, ao proprio Nosso Senhor Jesus Christo realmente presente no Santissimo Sacramento!

Para este fim, depois de ter invocado o auxilio de Deus, amargurado, afflicto, quanto não nos é possível exprimir, julgamos dever ordenar o seguinte:

1.º Durante tres dias em todas as igrejas do Pará e do Amazonas se celebrarão solemnes preces de desaggravo, consistindo na *Ladainha dos Santos*, com as competentes orações, com predica ou leitura analogo e benção do Santissimo Sacramento.

2.º Além d'isso haverá na Nossa Igreja Cathedral exposiçào perenne do Santissimo Sacramento durante os tres dias das preces, como pelas quarenta horas, devendo todos os fieis fazer preciosa guarda ao divinissimo Sacramento, e orar com fervor em desaggravo do horivel sacrilegio que acaba de ter logar n'esta parochia.

3.º Todos são convidados a confessarem se com verdadeira contricção e a commungarem n'esta intenção.

4.º Por cada acto de religião ou de caridade que fizerem com o fim de desaggravar o Santissimo Sacramento, concedemos quarenta dias de indulgencia, na fórma costumada da Igreja.

Dada em Belem do Pará aos 21 de maio de 1880 sob o signal e o Sello de Nossas Armas.

† ANTONIO, Bispo do Pará.»

## SECÇÃO RELIGIOSA

### A proposito do mez de Maria no Funchal

Tanto nos vastos imperios e nos ricos emporios da Europa como nas opulentas cidades e pobres aldeias da Asia, tanto no velho e novo Mundo como na Africa e Oceania, a Filha do Todo-Poderoso, a Mãe de Jesus, a Esposa do Espirito Santo, foi honrada, louvada e bendita, durante o mez de maio que acaba de desaparecer para sempre nas sombras do nada. por 260 milhões de catholicos, que a Igreja Mãe conta em seu seio.

Em todo o mundo, pelos mortaes conhecidos, desde o palacio dos reis que perderam seu sceptro até á mesquinha cabana do despresado da fortuna, homens ricos e pobres, sabios e ignorantes, grandes e pequenos, de todas as classes, estados e condições, todos correram pressurosos ao templo do Deus Vivo, durante o mez que a Santa Igreja consagrou ao culto da Virgem Mãe de Seu eterno Fundador, para prestarem homenagem Aquella que, lá no Empyrio, é constantemente louvada e exaltada pelos innumerables céos do Anjos, Archanjos, Potestades, Thronos, Dominações e pelo infinito numero dos mais espiritos beventurados, que rodeiam o immenso, incomprehensivel throno de gloria d'esse Ente eterno, absoluto, que, do nada, tirou o universo inteiro, o qual a orgulhosa e soberba razão humana, por maiores e rigorosos exames, não tem podido e jámais poderá comprehender.

A imprensa, essa arma forte e poderosissima que, em quasi toda a terra, habilmente maneja os denodados campeões da Igreja Catholica Apostolica Romana, contra os cruéis e injustos perseguidores do Papado e da Igreja que, ha dezenove seculos, tem resistido impavido e inhabalavel aos ataques dos ligadaes inimigos da Verdade, hem claramente nos diz que

o culto á Virgem Mãe de Jesus e dos peccadores, augmenta prodigiosamente de dia para dia.

Percorrendo com rapidez o grande colosso do norte, encontrámos repletos de fieis os templos santos, implorando da Dispenseira das graças celestes, a conversão, não só dos espiritos cegos e desvairados que tão crua guerra lhes tem feito, mas até de toda a scismatica Russia.

Entrando na bellicosissima Allemannha, berço dos mais notaveis perseguidores da Religião Sacrosanta prégada e sellada com o sangue preciosissimo de Jesus Christo, e onde a maior parte dos seus 43 milhões de filhos se acham eivados das falsas e corruptoras doutrinas de Calvino, Voltaire, Zwinglo, e outros inimigos do Chefo Infallivel da Igreja Santa, vemos os homens correrem a porfia para prestarem culto Aquella que é vestida do sol, calçada da lua e coroada de estrellas.

Penetrando na França Christianissima, em cujo throno outr'ora se sentára um rei santo, e hoje infccionada da peste do seculo XIX — a maldita maçonaria, que a olhos vistos vae por toda a parte corrompendo os innocentes corações da juventude, minando assim de dia a dia os solidos alicerces do gigantesco edificio da sociedade; na Filha predilecta da Igreja em que um governo iniquo e uma camara despotica promulgam leis absurdas para expulsarem de sua patria os seus proprios irmãos, porque são homens honrados, cidadãos prestadios, padres virtuosos, verdadeiros modelos de santidade; porque são obreiros da vinha do Senhor, enviados do Divino Mestre, Jesus Homem Santo, admira-se as multidões compactas correrem avidas á casa da oração, em que diariamente se immola a victima innocente, Jesus Christo que ha dezenove seculos foi sacrificada no cume do Golgotha, e ali prostradas ante a imagem da Rainha dos Céos e da terra, com as mãos erguidas ao céo, exclamarem: « Santa Maria, roga por nós. Refugio dos peccadores, roga por nós. »

Prende-nos sobretudo a attenção o espectáculo verdadeiramente admiravel que a Inglaterra de Henrique VIII está dando ao mundo. Centenares de conversões se operam quotidianamente ente os 32 milhões blasphemadores da Mãe Castissima, que merece a dita de trazer em seu seio a propria immensidade, o auctor da Creação, Jesus Christo, que noite e dia não cessa de convidar os peccadores a entrarem no reino dos céos.

Em quanto os sectarios do erro, os profanadores das casas santas, de ac-

cordo com governos atheus, apagam o facho da fé no centro dos paizes outr'ora sinceramente fieis á cadeira de S. Pedro, a Inglaterra protestante, conhecendo o erro em que vivia, abraça a verdade catholica e a chama ardente da fé devora já os corações do grande parte dos seus numerosos habitantes. Bendito seja Deus! No centro do protestantismo, onde, nos tempos que já lá vão, tão crua guerra se fez ao culto de Maria Virgem e ao dos Santos que, entre insupportaveis soffrimentos, confessavam diante dos tyrannos a divindade de Jesus e a Virgindade da Esposa do Carpinteiro de Nazareth, admiramos as marchas religiosas, as procissões catholicas que percorrem as ruas das cidades, em que os seus antepassados, confessando a creença catholica, cahiam aos pés do algoz d'uma rainha tyranna.

Passando ao catholico imperio de Austria, onde a auctoridade imperial se curva humildemente ante o vulto venerando do Vigario da Sabedoria Increada; entrando na Hespanha de S. Fernando, na Suissa, na Belgica e na Hollanda, tambem ouvimos resoar sob as abobadas dos magnificos templos que a fé dos nossos maiores ergueram ao Omnipotente, os concertos harmoniosos, os hymnos alegres, as vozes dos milhares de fieis dirigindo preces á Medianeira entre o Supremo Dominador e os descendentes de Adão que peregrinam n'esto valle de miserias.

E a Italia? Quem ha que ignore a devoção especial que os Filhos d'este paiz, hoje affectado pelo pestilento nihilismo, consagram á Mãe do Salvador, Maria Santissima, apesar dos insultos e sarcasmos que os carcereiros do Papa dirigem aos devotos da Mão do Redemptor da humanidade?

Volvâmos tambem os olhos para o nosso amado Portugal, onde outr'ora, quando a fé devorava os corações de seus filhos, o Salvador do genero humano se mostrou ao seu primeiro rei. Percorramos este pequeno paiz, que atemorizou o mundo até então descoberto, quando em seu throno se sentaram reis verdadeiramente catholicos que se humilhavam á voz infallivel do Successor do Pescador da Gallilea, e que tinham por especial devoção de ajudarem ao santo sacrificio da missa, quando a sagrada mesa, antes de partir de mar om fóra, em demanda de novas terras, se viam humildemente prostrados para receberem em seus peitos Jesus Sacramento, um Vasco da Gama, um Affonso d'Albuquerque, um D. João de Castro e muitos outros heroes portuguezes que plantaram á custa de

seu sangue as Quinas de sua nação entre os povos selvagens da Africa e da Asia.

Portugal então era catholico e tão cheio de fé, que D. João IV, o Restaurador, e todos os portuguezes tomaram por sua Padroeira a Immaculada Conceição. Desde então a devoção á Virgem das Virgens propagou-se com rapidez não só no continente mas tambem pelas possessões d'aquem e d'além-mar.

Hoje a fé tom decalido, e Portugal, outr'ora rico e forte, está hoje pobre, fraquissimo, enfermo, moribundo, está quasi a desaparecer do mappa das grandes nações da Europa. E porque? Porque em suas entranhas um verme pestilento, a excommungada seita maçonica lhe devora os intestinos, e se não chama em seu auxilio a medicina, a Santa Igreja, Portugal enfermo cahirá nas sombras da morte.

Mas apesar do indifferentismo o entranhavel odio que os descendentes do Cain, a terrivel maçonaria, os sequazes de Satanaz, votam aos padres, frades, jesuitas, lazaristas, freiras, anjos da caridade, aos devotos da Immaculada Conceição, em summa á Igreja Catholica, os filhos de Leão XIII, o Papa de Roma, não deixarão jámais de manifestar o seu amor e gratidão para com a Rainha dos Céos e da terra, não só no mez que lhe é consagrado mas até diariamente.

Desde as terras que os Oceanos Glacial Artico e Antartico banham ao norte e sul do globo até as extremidades das costas banhadas, do nascente ao poente, pelos Oceanos Atlantico e Pacifico, subirão ao throno de gloria de Deus immenso preces á Aquella, que esmagou sob os seus pés a cabeça da serpente maldita até o dia tremendo em que a terra, o mar e tudo o que n'elles se contem se reduzam a pó, a nada!

Mas no meio d'este grande movimento religioso ficaria indifferente a ilha da Madeira? Não. Durante o mez de maio, do alto do campanario da igreja de S. João Evangelista, do recolhimento do Bom Jesus, da Capella da Penha de França e Lourds e de muitas outras de varias parochias, o som do bronze, repercutindo-se atravez do espaço, convidava todas as tardes os fieis a reunirem-se sob as abobadas dos templos santos para louvarem a Mão da Divina Graça.

Oh! como era bollo, arrebatador e penetrante o quadro que os circumstantes presonciavam! Lá dentro por sobre o altar, uma milagrosa imagem do Ideal da Pureza, que, ha vinte e dois annos, se dignou mostrar-se na abençoada gruta de Lourds á pobre

Bernardete, se erguia magestosa, rodeada de lumes e de brancas corôas de puras flores. Ao som do harmonium rompem canticos e os filhos da Consoladora dos afflictos, com as mãos levantadas para o alto, lhe pedem em côro: « Janua Celi, ora pro nobis. » « Salus infirmorum, ora pro nobis. »

Do alto do pulpito, da cadeira da verdade, a voz inspirada d'um pregoeiro da fé se faz ouvir: é a do santo Bispo da diocese que distribue aos seus filhos o pão do espirito. Sempre incansavel no exercicio do seu altissimo ministerio, penetrado da tremenda responsabilidade que em seus hombros peza, o fiel imitador dos primeiros apóstolos do Divino Mestre, que deram seu sangue para testemunhar a verdade que prégavam, não o detem os incommodos de saude e as ameaças da imprensa devassa e corruptora. Combate com energia o vicio e a multidão que o ama aponta-lhe o caminho do céu. Os corações transformam-se pouco a pouco, é a força da oração e de lagrimas derramadas (quem sabe? se alta noite!) aos pés de Jesus Crucificado, pedindo a salvação do todo o seu rebanho, enfurecem-se em seus antros os sequazes do erro e as lojas maçonicas parecem dissolverem-se pouco a pouco. Quão grande é o poder da oração fervorosa!

G. R.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

**A agricultura.— Sua importancia. Crise porque está passando; e circumstancias que aggravam esta crise. Qual o remedio?**

Esta profissão, tão antiga como o proprio homem (porque já Adão e Abel a exerceram), é a base principal da riqueza e prosperidade de todos os povos. Seria inutil armar poderosos exercitos para manter a independencia d'um povo a quem a agricultura não fornecesse as condições de substancia, ou qualquer industria, o meio de obter, em troca dos seus, os productos d'aquella. Debalde tentariamos civilisar hoje um povo que ámanhã houvesse de perecer nas angustias da fome sem um bacado do pão. O pão! eis em que se resume afinal toda a ordem do mundo physico para o homem; eis o que ha de mais positivo e real na vida corporea! é para obtel-o que tudo trabalha, que tudo se afadiga. O lavrador arrosta com a intemperie das estações; o nauta af-

fronta os vagalhões tempestuosos do oceano, vasto sorvedouro de tantas vidas! o philosopho, o litterato, o publicista, encerrados noite e dia em seus gabinetes, maceram o corpo, fatigam a vista, deterioram a saude: em summa, o homem arrisca a propria vida em busca dos meios para conservá-la; a tanto obriga a dura lei da necessidade!

Cada povo, cada estado tem uma profissão dominante por onde se faz conhecido no estrangeiro; profissão que está, de ordinario, em harmonia com as condições climatericas, geologicas e topographicas do solo que habita. Assim vemos os estados septentrionaes da Europa, Asia e America, geralmente mais dados á pesca. Os situados entre 50° de latitude norte e 40° de latitude sul são, em grande parte, dados á agricultura. Outros cultivam especialmente as sciencias, as bellas-artes, a industria. Assim a Inglaterra, cujo solo não é sufficientemente fertil (apesar dos esforços empregados n'este sentido),— a Inglaterra bem como os Estados-Unidos, são principalmente povos industriaes. Os quatro estados meridionaes da Europa (Portugal, Hespanha, Italia e Grecia) são dos mais dados á agricultura. A França e a Allemanha (além da agricultura de que tambem auferem bastantes lucros) cultivam as bellas-arte; e, com a Inglaterra e os Estados-Unidos, tem dado ao mundo grande numero de sabios dos mais distinctos. Os italianos são tambem considerados os primeiros cultores da musica. Mas, em ultima analyse, nenhum estado vive sem a agricultura, ou propria ou alheia; é alli que está a primeira condição da existencia do homem.

Infelizmente porém, no ultimo quartel decorrido d'este seculo, a agricultura definha d'uma maneira espantosa. O oidium e a phyloxera (duas molestias terriveis, e a ultima verdadeiramente incuravel) devastam largamente as vinhas; chegando a ficar á merecê d'uma esmola tantos proprietarios, ainda ha pouco abastados. Uma molestia, ainda sem nome (se não é tambem a phyloxera), nem antidoto, invade, amarelleco e prostra até as plantas mais gigantesca e as mais duraveis: entre as quaes a carvalha, a nogueira, o catanheiro. A oliveira cobre-se de espessa ferrugem; de sorte que esta preciosa planta enfraquece e morre, porque a seiva não pôde elaborar-se por falta de respiração. Eu mesmo tenho visto extensas porções de terreno onde a vegetação se extinguiu de todo, porque nem as proprias urzes do monte escapam á devastação. Estes arbustos tão pou-

co melindrosos, que até aqui vegetavam espontaneamente por toda a parte (sendo necessario um assiduo cuidado da parte do agricultor para os destruir onde não lhe convinham),— estes arbustos, ha cinco annos a esta parte, são tambem atacados de morte: e não é este dos vegetaes menos uteis aos nossos lavradores.

Mas o que sobretudo se admira é, que extensas matas (soutos) de castanheiros seculares, gigantescos, sejam destruidos com uma rapidez assustadora: alguns dos quaes (quem sabe?) serão talvez mais antigos que os primeiros habitantes d'este canto do continente europeu; a julgar pelo tronco de muitos metros de circuito. O velho de mais avançada idade já assim os viu quando creança: um seculo que passou não lhes produziu alteração sensivel: tal é o seu volume! Mas, não obstante, a molestia não recuou perante a sua robustez. Do local mesmo onde estas linhas são escriptas, descobrem-se extensos montados, ainda ha pouco vestidos d'essas plantas collossaes; e hoje... offerecendo apenas, de distancia a distancia, algum tronco alvaento, myrrado, similhando um esqueleto erguido. Esses gigantes de verdura, a quem os furacões e tempestades de tantos seculos não poderam abater a soberba e magestosa cupula, curvaram-se agora sob o imperio d'esse agente devastador.

E esta pronunciada tendencia á esterilidade não se dá exclusivamente n'uma ou n'outra provincia, n'um ou n'outro paiz: manifesta-se por toda a parte, em maior ou menor escala. De muitas regiões, ainda ha pouco tão férteis, da Asia, tem registado a a imprensa os horrores da fome. O Ceará ficou quasi deserto: em grande parte nem um só ramo onde gotteje o orvalho, nem uma só ave com seus gorgeios e trinados; apenas o voraz *urubù* soltando o estridulo grasnar das alturas do espaço onde pairava, farejando algum cadaver dos fugitivos habitantes. Posteriormente lá lhe caiu uma impetuosa chuva sobre as escalvadas campinas. A Irlanda soffre tambem os horrores da fome. Os vinhedos de França, Hespanha, Portugal, etc., vac-os devorando a *phyloxera vastatrix*. Era escusado lembrar aqui o decrescimento progressivo das aguas do Tejo e d'outros rios, notado por alguns physicos ha muitos annos a esta parte. E' escusado tambem lembrar a opinião d'alguns chimicos (entre nós Miguel Archanjo) que sustentam a futura alteração da atmosphaera, tornando-se impropria á vida. Outros naturalistas (geologos) sustentam que o solo se empobrecerá á força de produzir; e em

consequencia das particulas mais substanciaes que as aguas arrastam consigo para as ir depositar no fundo dos mares, rios e lagos. Mas para não ir mais longe, não temos nós visto as estações dos annos atrasados, tantas vezes alteradas e trocadas? Ha muito que não temos primavera: quasi todos os mezes do anno temos que soffrer os rigores da estação invernosa. A chuva innunda as terras durante largo tempo, sacrificando mesmo algumas vidas; e, após inverno tão rigoroso, quando anciosamente se esperam os bellos dias d'abril, surge um vento esterilizador que em poucos dias sorve da terra os abundantes humores de que estava engurgitada. A chuva já quasi não fertilisa, devasta: o frio não faz simplesmente suspender a vegetação; cresta-a e murcha-a: o sol não serve para aquecer e crear; tantas vezes elle tisa e secca as tenras plantas.

Ora, attentando bem no que fica exposto, e ninguém ignora, é evidente que a classe productiva (e por consequente as demais todas) são ameaçadas d'uma crise muito grave. Eu bem sei que hoje não avultam ainda por ahí taes calamidades; mas o mal progride em larga escala. Durmamos pois tranquillamente emballados pelos sonhos d'um porvir auspicioso para o progresso, que bem cedo acordaremos aos gritos plangentes, nublados, d'esse povo sem pão, sem vigor. Será isto carregar o futuro de côres muito sombrias; mas esses factos, muitos dos quaes não teem procedendo na historia do mundo, ahí estão á vista de todos com a sua logica irrespondivel. Em épocas mais remotas, é verdade, algumas vezes a fome e a peste dizimaram os povos: mas estes factos tiveram sempre o cunho de factos casuaes, extraordinarios; hoje porém teem um character progressivo, irremediavel, posto que na actualidade não pareçam ainda muito graves. Mas é indubitavel que se esta serie de calamidades se prolonga, um grande cataclysmo está imminente ao nosso planeta; esteja embora distante muitos annos (alguns seculos mesino).

Será este cataclysmo que virá pôr termo á existencia actual do mundo que habitamos, realisando assim a predição biblica? Esta atrophia pronunciada que se nota por todo o globo será, como as rugas e as cãs da velhice, o symptoma precursor dos ultimos instantes d'este ancião sessenta vezes secular? Terá a humanidade que presenciar em breve a agonia atroz d'este gigante, que nos embala atravez a amplidão celeste? Este planeta, que o homem tanto se comera hoje em aformosear, fenderá amanhã

o espaço, um montão de ruinas, sem que o ouvido mais attento, que porventura se collocasse em seu transitto, podesso perceber o mais tenue follego de vida? Este cadaver colossal arrastará amanhã por esse vasto, insondavel, immenso, — o seu pallido sudario, qual outra lua?...

O futuro pertence a Deus: é porém indubitavel que a Biblia, base de nossas crencas religiosas, ensina o dogma da duração limitada do mundo. Logo, mais cedo ou mais tarde, a terra ha de ficar esteril e deserta.

Note-se mais que as molestias que actualmente affectam os vegetaes, já estão descriptos ha trinta e tres seculos no Deuteronomio (cap. 28), onde se falla dos castigos que hão de chover sobre os transgressores da lei de Deus. Se alguém tivesse dito ha um seculo apenas que os vinhedos seriam destruidos pelos vermes, acreditariam porventura então? Pois disse-o Moysés muito antes (Deuteron.—cap. 28, v. 39); só lhe faltou nomear a phyloxera, O versiculo 42 do mesmo cap. diz que a ferrugem comerá as plantas e os fructos da terra. E Jesus Christo (Luc.—cap. 21) apresenta como signaes precursores dos ultimos tempos as guerras e sedições, a peste, a fome e os horrores do céu (intemperies do ar). Mas o Salvador accrescenta que o fim não virá logo depois d'estas calamidades: ellas hão de ser duradouras para provar a constancia dos justos e punir as prevaricações dos impios; e o que perseverar será alfim coronado. Por isso a natureza deve estorcer-se nas vascas da agonia durante muitos annos (se não forem alguns seculos): o mundo e a humanidade, que tiveram de vida milhares d'annos, só devem exhalar o ultimo alento após uma tempestade de soluços e gemidos, após um diluvio de lagrimas e de sangue!

Ora a fome ameaça-nos; a peste (consequencia das outras calamidades) já por vezes nos tem açoutado; e as guerras e as sedições? Pois não vemos nós erguer-se por toda a parte a hydra formidavel da revolução sob os nomes de *liberalismo*, *radicalismo*, *nihilismo*, *communa*, *democracia*, etc. que todos exprimem anarchia e desordem e sangue?! Que é isto? para onde caminhamos? que mais quaremos? N'um seculo em que todos apregoam *liberdade*, *igualdade* e *fraternidade*, não vemos nós em toda a parte empenhada uma lucta de morte contra a idéa religiosa?! N'um seculo em que alguns optimistas illudidos ainda crêem que as guerras hão de acabar por uma vez ante o facho de tantas luzes: não vemos todos os governos que se intitulam *populares*, reforçarem os seus

exercitos; atulharem os seus arsenaes de novas machinas de destruição, que em poucas horas abateriam milhões de cabeças?!... Que tendes vós feito, homens do *progresso*? quando terreis levantado a humanidade do atoleiro de sangue e da podridão dos vicios, do lodo das miserias até ás doçuras do *eden* que sonhaes para ella? Os proprios *liberaes* não sabem dissimular a profunda inquietação que lhes causa o vertiginoso movimento das necessidades modernas, que correm sedentas, anciosas atraz d'um sonho seductor de *felicidade sem Deus*, *nem auctoridade*: o que não passa de uma vã chimera, d'uma utopia ingenuamente ridicula e miseravel! Não parece um vil insulto, um sarcasmo revoltante, que tantos partidos fallem em *philantropia*, em *melhorar as classes pobres*; quando os seus governos consomem e delapidam cynicamente os suores de tantos párias, que toda a vida passam em lucta desesperada com a fome o a miseria? E' que para avaliar o que são as lagrimas e os gemidos do pobre, é preciso conhecê-lo de perto; é mister sentar-se com elle no lar da sua possilga e ter-lhe ouvido da propria bocca a tragica narração de sua vida amargurada. Oh! se taes governos pensassem, quantos sacrificios, quantas privações custou ao pobre essa insignificante moeda com que a lei o collectou!... como ousariam dissipar cegamente o patrimonio do Estado? Mas os governos *populares* não ouvem os gemidos, que se erguem *tão de baixo*; que saem do seio mesmo d'esse povo, por quem *morrem d'amores*, e cujos interesses apregoam aos quatro ventos. Eis porque na Italia foram já confiscados os bens de mais de 35 mil proprietarios que não poderam satisfazer aos encargos do thesouro. E viva a *liberdade*! vivam os modernos *niveladores das classes sociaes*!!

Os males estão pois bem patentes aos olhos de todos; a par dos flagellos de Deus, o flagello dos homens: o qual o remedio? Eis a grande questão, a que a sciencia sem Deus nunca dará soluções; mas que nos reverberos da fé se torna d'uma lucidez admiravel. Se contudo alguém ha que sem Deus e sem fé prometta debellar taes males, ávante! metta mãos á obra que não é cedo. Eia! arme-se uma cruzada de *espíritos fortes*, que tenham a abnegação sufficiente para sacrificarem-se nas aras da *philantropia*: e sobre esses heroes denodados choverão as bençãos do pobre, arrancado á fome e á miseria; e em volta das peanhas de suas estatuas irão apinhar-se os povos já libertos das garras do despotismo liberal!

A todos os cantos se ouve fallar de liberdade: mas o que será essa *liberdade* tão decantada e idolatrada? O talisman que encerra em si um *porvir todo venturoso* para a humanidade? a chave d'uma nova *idade d'ouro*? A verdadeira noção d'esta palavra quasi se perdeu: hoje a *liberdade* é escrava para o bem; mas, em compensação, é *livre, amplamente livre* para tudo quanto é mau. Ha liberdade de mais para uns, e de menos para outros: monopolio odioso contrario ás leis da logica e do bom senso! A *liberdade* hoje é um phantasma vão; é um escarneo, uma ironia pungente atirada ás faces do pobre. Hypocritas! declamadores estereois!! a candida bandeira liberal está salpicada com as tintas rubras do despotismo. Sim! em vez de marchar direitos ao futuro, nós temos retrocedido a passos de gigante para tempos, cujas instituições estavam já pulverisadas. Os governos revolucionarios teem commettido taes barbaridades que já hoje ninguem se deve horrorisar dos vandalas: ao *vandalismo* póde substituir-se o *communismo* ou o *revolucionarismo*; que a idéa em nada perde a sua força, antes mais se aviva. Basta recordar a *decantada* revolução franceza, a *communa* de Paris, a *famosa* lei Ferry, etc., etc.

Não será pois d'esses sabios *sem sciencia*, nem d'esses *governos sem governo* que o remedio ha de vir; antes as medidas d'uns e d'outros mais e mais aggravarão os males presentes: a sua diagnose e cura (se a teem), não serão elles quem a conseguirá. A impotencia dos esforços puramente humanos para debellar tão longa serie de calamidades, está mais que demonstrada para qualquer observador despreocupado. E' mister vermos n'estas calamidades mais que a obra do acaso a resultante do concurso dos agentes physicos: devemos olhal-as como factos providenciaes destinados a punir os excessos da impiedade, tão frequentes n'este seculo das *luzes*. A fô conseguirá o que os esforços da sciencia humana jámais obtiveram. O agonte da colera divina deixa de ferir os povos apenas detestem os desvarios que a provocaram.

E, se ainda assim continuar a açoi-tal-os por largo tempo, é prova infal-livel de que vamos assistir ás ultimas scenas d'esta grande tragedia que teve por theatro o mundo inteiro!...

Margens do Paiva — junho de 1880.

M. A. A. C.

## SECÇÃO HISTORICA

### O Hosteiro de Leça do Balio

#### O Beato Garcia Martins

##### III

Pouco acima da pia baptismal, bella peça de esculptura que existe na igreja de Leça do Balio, do lado do Evangelho e encostado á parede, se vê o tumulo do beato D. fr Garcia Martins.

E' este tumulo de pedra de granito, com sua tampa aguçada, e está mettido dentro d'uma especie de armario de madeira pintada.

A maior parte dos auctores dizem que este tumulo está firmado sobre leões de pedra, o que se não pode ver por causa do tal armario. Esteve primeiramente na sachristia velha, depois em varios sitios do corpo da igreja, e haverá oitenta annos, pouco mais ou menos, que se mudou para junto da pia baptismal. Foi na occasião d'esta mudança que se fez o sobredito armario.

Sobre o tumulo está gravado um letreiro que quer dizer:

«Na era de 1344 (anno de Christo de 1306), morreu na fé de Jesus Christo, no mez de Janeiro, Fr. D. Garcia Martins, grão-commendador dos reinos de Hespanha, que são cinco na Religião.»

Roubou-nos o tempo a noticia exacta da patria, ascendencia e acções de D. Garcia Martins; sabe-se, porém, que nasceu n'este reino de Portugal, e provavelmente na villa de S. Martinho de Mouros, de paes nobilissimos

Foi cavalleiro de S. João Baptista de Jerusalem, e mereceu pelas suas heroicas proezas, que o fizessem grão-commendador dos reinos de Portugal, Castella, Leão, Aragão e Navarra.

Ultimamente foi eleito balio de Leça, e aqui assistiu muitos annos, exercitando-se na practica das mais sublimes virtudes, e falliendo santamente no 1.º de janeiro de 1306.

Não póde o tempo roubar-nos o conhecimento da grande santidade d'este balio, que fez collocar o seu busto sobre os altares da sua igreja de Matta, e attrahe ao seu tumulo de Leça um grande numero de fieis, os quaes nas offerlas que penduram no seu jazigo, attestam os beneficios recebidos de Deus por intercessão d'este fiel cavalleiro da milicia do Crucificado.

Diz o auctor do *Agiologio Lusitano*, que desde a morte de D. Garcia Martins os povos sempre o honraram como santo e lhe chamaram o *Homem Santo*. Hoje só lhe chamam o *Beato Garcia*.

E' certo que logo começou a resplandecer em milagres; e tal era a fama do seu valimento para com Deus, que a devoção lhe abriu no tumulo, ao direito do rosto, uma pequena abertura, para d'ahi lançarem rosarios ou contas que lhe tocassem no rosto.

Citaremos agora textualmente o que diz Jorge Cardoso no seu *Agiologio Lusitano*:

«A infanta Dona Philippa, filha do infante D. Pedro e neta de el-rei D. João I, indo em romagem a S. Thiago de Galliza, foi tambem visitar as reliquias d'este santo cavalleiro (Garcia Martins), acompanhada de muita nobreza e da maior parte dos Prelados do reino, e alli com devoção se deteve uma novena, por causa d'um celebre milagre que o santo obrou, n'este tempo, em um aleijado, de que se passaram authenticos testemunhos.»

Este facto aconteceu no anno de 1490, na occasião em que a referida infanta Dona Philippa, tendo tambem visitado o Santo Lenho de Moreira, freguezia proxima da de Leça do Balio, veio venerar o tumulo do beato Garcia Martins.

O mencionado milagre succedeu, quando, depois da devota visita da infanta na igreja de Leça, ella se ausentava e já ia no Souto, caminhando para a Ponte da Pedra, em direcção ao Porto.

Vindo o aleijado, já curado, e saltando de contente, mostrar-se á infanta, ella voltou atraz e fez a novena de que já fallamos.

Outro milagre notavel succedeu no templo de Leça, operado por intercessão do bemaventurado balio.

Morava no *Souto de Leça*, junto á igreja, um ferreiro que suspeitou da fidelidade conjugal de sua mulher. Esta, para se purgar da suspeita, offereceu-se a levar de casa um ferro em braza até ao tumulo do beato Garcia, a quem se tinha eucommendado.

O marido poz em braza o ferro d'um arado que a mulher levou na mão até ao sepulchro do Homem de milagres, sem soffrer o mais leve jamno. E assim ficou plenamente provada a innocencia da suspeitada consorte.

Por largos annos esteve o ferro suspenso na capella de Nossa Senhora do Rosario, como prova da innocencia da mulher e da santidade de D. Garcia Martins; e por esta razão se lhe deu o nome de *Capella do Ferro*. Ainda em 1764 existia em Leça o dito ferro; hoje ninguem sabe que destino teve.

Crê-se que este facto aconteceu durante a visita que Santa Mafalda fez ao tumulo do beato Garcia.

No 1.º de Maio de 1598, quasi trezentos annos depois da morte do santo, se abriu o tumulo de pedra que estava na sachristia velha de Leça. Encontrou-se o seu veneravel corpo incorrupto, lançando suavissimo cheiro, armado cavalleiro com o roçagante manto da sua Ordem.

Ajuntou-se muito povo a presenciar esta maravilha. Estando alguns dias exposto á veneração dos fieis, se advertiu que a barba lhe cresceu consideravelmente, e da mesma sorte as unhas dos pés, de sorte que lançaram fóra as servilhas que os cobria, as quaes, sendo de couro, se conservavam ainda illezas da corrupção.

Da sachristia, onde estava, foi tirado, e com o mesmo sepulchro foi mudado para o meio da igreja, e ultimamente para junto da pia baptismal, como já referimos.

Todos os auctores, que tratam d'este servo de Deus, fazem menção da sua transladação e da devoção dos fieis ao santo cavalleiro.

Jorge Cardoso, auctor do *Agiologio Lusitano*, veio a Leça no anno de 1661, sendo de tudo informado por pessoas antigas d'estes sitios.

José Anastacio de Figueiredo, fallando do virtuoso cavalleiro, diz na sua *Nova Malta*, volume 2.º, o seguinte:

«Na sua sepultura não tem deixado de confirmar o misericordioso Deus a opinião de santidade em que elle sempre foi tido pelo meio de repetidos prodigios. Nos quaes eu tambem me senti obrigado a testemunhar uma boa parte, com um braço de cera, e sua penna, em acção de escrever, que a ella pendurei, entre outras muitas piedosas memorias do reconhecimento dos lieis.»

Por tudo isto é famosa a egreja de Leça do Balio. As solitarias e desprezadas ruinas do antigo mosteiro merecem vê-se; e, sendo contempladas por um philosopho, embora estejam em desprezível estado, offerecem larga margem para severas e profundas considerações.

Alli se prova a grandeza, a gloria e a religião dos nossos maiores, e a devastação barbarissima d'este seculo que se diz de illustração e de bom gosto.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO LITTERARIA

### COISAS

#### II

Porque a Hespanha, apesar do todas as lóas, fucecias e negaças de materialistas, positivistas e macaquistas, teima em querer ser catholica de-veras, theorica e praticamente, o *Partido do Povo* está fulo de raiva. «Infeliz terra!», exclama elle! O caso não é para menos. Ora ouçam:

«Chegaram a Oviedo os conhecidos jesuitas padres Rademacker e Los Arcos, afim de fazerem *missões*. Uma das primeiras medidas dos citados padres foi separar, dentro da egreja, os dois sexos, fazendo dois grupos um de mulheres e outro de homens a quem se dirigiam por sua vez, como se a religião fosse differente para mulheres e homens. Os ditos padres tambem entenderam fazer *missões* ao corpo escolar na Universidade, e tiveram artes de promover um abaixo assignado ao reitor pedindo a precisa licença. O reitor não ousou deferir tal pretensão, e deixou que o assumpto fosse resolvido pelo claustro de professores que votaram todos, menos quatro, pela concessão pedida pelos jesuitas. Lá estão pois os jesuitas na Hespanha, não só fazendo predicas nas egrejas, mas até nos estabelecimentos scientificos.»

Horror! horror! Tres vezes horror!

No que sem duvida não erra o *Partido* é em dizer que os dois jesuitas são «conhecidos». O primeiro, portuguez e natural de Lisboa, tem missionado durante largos annos em Portugal, Hespanha e Italia (podendo fazer-o, se quizesse, em varias outras nações, pois tem *lingua* e cabeça para isso); e não só pelas provincias, mas em Lisboa, Madrid, Roma; e sempre com alguma accitação: d'onde se vê que não é digno de prégar em Oviedo o que a Universidade d'essa «terra infeliz» não teve juizo em querer ouvir o evangelico polyglota lusitano. Porque não mandou chamar, a q erer *disfructar* um portuguez, o nosso snr. Q. ou X. afim de lhe apreciar o verbo *macaqueiro* ou *positivoiro*?.....

Em todo o caso, agradecemos ao *Partido do Povo*, como catholicos e como portuguezes a honrosa, a excellente noticia.

A proposito de «macaqueiro» um gracioso remette-nos o seguinte epigramma:

«Um grave doutor se ufaua  
Em provar que a raça humana  
Nem toda é filha de Adão;  
Mas seu discurso indiscreto  
Demonstra só que elle é neto  
Da burra de Balaão.»

O *Diario de Noticias* diz ter sido um «brioso» certo official que se matou, e por isso mesmo que se matou, não lhe havendo corrido bem as coisas no mar. Nós dizemos que foi um cobarde.

Como estamos de accordo!

Relativamente a um coronel, assassino de sua propria familia e suicida, em Macau, a quem a auctoridade civil teve a caridade, a humanidade e o bom senso de negar as honras militares, tem feito o supradito *Diario* muitas lamurias, por se haver negado ao homem os tiros de polvora secca a que *tinha direito*, etc.

O que resta é provar o tal «direito» que, se existisse, nos pareceria mui torto e muito do agrado do principe das trevas.

Não será verdade o que nos affirmam, — existir uma ordem do nosso exercito, publicada pelo general Beresford no principio d'este seculo e nunca abolida officialmente, pela qual são negadas todas as honras militares aos suicidas, — ordem semelhante á que promulgou Napoleão I com optimo resultado?

Em todo o caso as leis canonicas não são leis do Estado segundo a

Constituição, e não se deverão estas conformar com aquellas?

O insuspeito jornal parisiense *Voltaire*, cujo nome já revela a impiedade de que é orgão e o espirito revolucionario de que está dominado, escreveu ha dias n'um seu artigo de fundo algumas asserções que não sabemos como os liberaes adoradores do *deus Estado* e da *civilização moderna* possam refutar. Discorrendo sobre o «grito de guerra dado em Berlim contra o socialismo», accrescenta que «os reis, os imperadores e os homens de Estado tentarão em vão fazer parar o desenvolvimento do socialismo pratico e positivo que succedeu aos sonhos da democracia romantica dos annos da nossa juventude, não mudando elles proprios de rumo.» De accordo!

É a razão que dá é muito digna de se archivar. Eil-a:

«A resposta mais correcta á pergunta — que coisa é um socialista? — é que o socialismo mais perigoso presentemente na Europa é o Estado, que entra em tudo, que absorve tudo» (podia accrescentar: e que tudo quer tornar obrigatorio, até o ensino atheu!).

*Voltaire* conclue:

«Bismark e o imperador Guilherme convidaram simplesmente as potencias para uma liga contra os nevociros que se levantam do Sprea, do Nawa e de outros rios septentrionaes. Não seria o caso de repellir aquella famosa phrase de que *se não dissipam as nevoas a golpes de machado?*»

Aos revolucionarios modernos encomendamos a resposta.

Sem malicia por certo foram dadas estas duas noticias ha poucas semanas na *Unità Cattolica*: — 1.º «Por causa de varios furtos de livros da bibliotheca Victor Manoel (a do *Collegio Romano*, pertencente aos jesuitas, accrescentada com outras livrarias dos conventos de Roma, igualmente roubadas pelo governo do *Galantuomo* — *robber-king*) foi nomeada pelo ministro da instrução publica uma comissão de sindicancia», etc.; — 2.º «Conta o *Pungulo* que hontem foi roubado um relógio a certo individuo na rua *Garibaldi*. O ladrão foi logo preso.

O mais curioso porém é o seguinte: — Quereis saber quem é o roubado? Vicente Gallucio, o qual está qualificado nos registros da policia como perigosissimo e famoso ladrão.»

Os leitores fuçam os commentarios qua quizerem.

Apnas acabavamos de lêr na *Unità Cattolica* a noticia de que se fizeram ha pouco na Suissa duas reuniões populares muito numerosas, para pedir o

restabelecimento d'um convento de capuchinhos desamortizado, ou, fallando portuguez mais claro, roubado haverá dous annos pelos *ralicues*, que demos com os olhos no seguinte :

« *Trapistas no Cabo da Boa Esperança* : — O Vigario Apostolico Mgr. Ricards tenciona estabelecer dois conventos de trapistas no seu vicariato do Cabo da Boa Esperança, afim de utilizar a propensão dos cafres para a agricultura. Vinte e cinco trapistas se dirigiram por isso ao Cabo. Mgr. Ricards tem determinado combinar a sua obra com a dos jesuitas que estão no Zanzibar. Os missionarios das duas Ordens farão os seus estudos no collegio dos jesuitas do Cabo. O governo apoia o nobre e secundo projecto. »

Bem se vê que o Cabo da Boa Esperança e Zanzibar não são Moçambique, Macau, etc., e que os governantes mahometanos e protestantes n'alguma coisa se differenciam dos governantes « catholicos liberaes » da « occidental praia » e suas colonias ! ! . . . . .

Percebe o *Commercio Portuguez* de Lisboa estas reticencias ?

Não ha muito que fallamos dos milhares e milhares de expropriações que nos ultimos annos se tem feito na Italia por falta de pagamento de tributos, coisa que não tem ponto de comparação com o que acontece em outros paizes, e coisa que bem manifesta como são felizes os povos subtraídos ao dominio paternal do Summo Pontifice, por exemplo. Hoje, lançando uma vista para a *Gazeta Officiale* do mez passado, e encontrando no supplemento do dia 9, nada menos de 15 paginas todas cheias de avisos de vendas em hasta publica de bens « expropriados por causa de impostos — *beni expropriati per causa d'imposta* » — ; e sendo uma grande parte d'estes bens fundos rusticos ou urbanos — *fondi rustici a fondi urbani* », parece-nos que bem podem dizer os contribuintes italianos o mesmo que na oração de Jeremias, como recorda a *Unità* muito a proposito, diziam os pobres hebreus : — « *Aquam nostram pecunia bibimus, ligna nostra pretio comparamus*, — a preço de dinheiro bebemos a nossa agua, com dinheiro compramos a nossa lenha. »

E como foi necessario, segundo se declarou ultimamente nas camaras de Montecitorio, mandar vir do Egypto e d'outras partes muito grão para saciar a fome dos pobres italianos regenerados, podem accrescentar : *Egypto dedimus manum et Assyriis ut saturemur pane*. — aos egypcios e aos assyrios estendemos as mãos para nos saçarmos de pão !

No entanto, os jornaleiros e até os lavradores vão emigrando aos milhares para a America, escapando-se á felicidade que a patria liberalizada lhes proporciona com a triplicação dos impostos, etc.

UM VIMARANENSE.

## A GIGANA

POR

D. MARIA DEL PILAR SINUES

Versão livre

DE

J. DE FREITAS

(Continuado do n.º antecedente)

— Isto é uma imagem de Deus, morto por nosso amor — disse a formosa menina, que com o admiravel instincto das almas ternas, havia adivinhado a melhor maneira de consolar a sua companheira.

— Ah ! e pregarão-o com pregos ?

— Pregaram. Os seus verdugos fizeram uma cruz de madeira, e cravaram n'ella os pés e as mãos de Jesus.

— Quem é Jesus ?

— Assim se chamava Deus quando vivia no mundo.

— Que nome tão doce, tão formoso !

— Bem mais doce e mais formoso era o seu rosto; queres ver um retrato d'Elle, melhor que este que aqui vez ?

— Oh, sim ! quero-o ver !

— Vamos pois.

Julia e Valeria, uma pelo braço da outra, deixaram o jardim, e entraram na capella da quinta que estava aberta.

Aquella capella, pequena, fresca, bella, e adornada com flores, que a mãe provisora de D. Antonia havia alli collocado na manhã anterior, inspirava á alma um delicioso bem estar, uma paz e uma consolação indcriptivois.

O altar era coberto com uma toalha de alvissima bretanha bordada e guarnecida de custosas rendas ; um formoso crucifixo do marfim, cravado em uma cruz de ebano, elevava-se sob um docel de veludo carmezim, franjado de ouro, e aos pés da cruz admirava-se uma imagem da Virgem Dolorosa.

Ricos candelabros de ouro brilhavam por entre elegantes jarras da China, d'onde sahiam bellissimos ramos de flores. Ao lado do altar via-se um missal coberto de velludo com fechos e pregos de prata.

As paredes por detraz do altar eram cobertas de seda carmezim e

de espaço a espaço pendiam quadros de grande tamanho e de subido valor. Collocado á direita estava um representando o Ecce-Homo, em tamanho natural e sahido do pincel de Rubens.

Os demais quadros representavam o resto da paixão do Salvador do mundo : um representava o Senhor preso á columna e soffrendo a flagelação dos barbaros judeus ; outro mostrava o Christo diante de Pilatos, e o ultimo era o do caminho para o Calvario.

A alfombra de seda que tapetava o pavimento abafava o ruido dos passos, e os custosos cortinados que pendiam das janellas a custo deixavam penetrar na capellinha uma froixa luz.

O ambiente impregnado do perfume das flores e do incenso ; a frescura, a riqueza e suavidade que se admirava por toda a parte ; tudo fallava á alma, tudo a submergia n'um recolhimento profundo e religioso !

E' que a nossa sacrosanta religião derrama em seus templos thesouros immensos de consolação.

Os pezares mais crueis se acalmam após alguns momentos de oração ante as imagens de Jesus e de sua Santa Mãe ; porque todas as dôres, todos os pezares desaparecem em face dos que soffreram esses divinos martyres que hoje nos olham do céu. E é a isto sem duvida que se deve a mudança rapida que se opera em um criminoso, que ás vezes, refugiando-se n'uma igreja para escapar ás vistas da policia que o persegue, sae d'ali com a alma limpa de impuros pensamentos e vae entregar-se á justiça confessando o crime !

A alma de Valeria era ainda terna, innocente ; achava-se n'essa idade feliz em que se acham de certo muitas leitoras miinhas, entre os jogos da infancia, ha pouco abandonados, e as dôces impressões da adolescencia, que principiam a despontar. Ditosa idade em que é facil ainda aceitar novas impressões, entrar em nova vida !

Por isso ella, a infeliz criança so deixou levar pela mão de Julia que, ao passar por diante das sagradas imagens, lhe dizia em voz baixa e dôce :

— Olha, aqui está Jesus na occasião em que os judeus o açoutaram até deixarem seu sagrado corpo em misero estado ; e, repara, apesar dos maus tratos, das macerações, como é formoso o seu divino rosto, como o seu olhar respira misericordia e perdão !

— E porque o maltratavam ? — perguntou Valeria, olhando com profunda e reflectida attenção a figura do quadro,

— Por que esses homens a quem Jesus havia feito os maiores benefícios eram ingratos e malvados— respondeu Julia um pouco confusa, pois não podia nem sabia ella, a innocente criança, explicar assaz os divinos mysterios da nossa santa religião, e por isso concluiu dizendo:

— Tua boa mamã te ensinará melhor do que eu a historia de Jesus, pois foi ella que tambem a mim a ensinou.

Aqui, — proseguiu, levando-a ante o quadro que representava Jesus na tribuna de Pilatos — aqui foi conduzido como um malfeitor perante um juiz injusto e debil que, apesar de o achar innocente, o abandonou ás turvas que lhe deram a morte.

— Não me disseste que uma mãe é a coisa melhor que ha no mundo?

— Sem duvida, — respondeu Valeria surprehendida com aquella repentina interrogação.

— E a mãe de Jesus havia de ser boa, não era?

— Era a melhor das mães.

— Então porque não defendeu seu filho?

— Como havia defendel-o? que podia uma debil mulher contra todo um povo enfurecido?

— Porque não fugiu com elle?

— E' que Jesus quiz soffrer tão barbaros martyrios para nos salvar a todos das penas eternas; e se quizesse salvar-se de tão affrontosa morte não carecia fugir, porque quando bem o quizesse podia subir ao céo.

— Como? Elle só?

— Sim, sósinho.

— Mas como?

— Como sobem os passarinhos.

— Então Jesus tinha azas?

— Sim, — respondeu Julia com resolução, segura de que se não dissera aquella mentirasinha submergiria a rude intelligencia de sua amiga em um mar de duvidas que ella não poderia depois resolver.

— Continúa a contar-me a historia de Jesus — disse Valeria em voz baixa; mas sentemo-nos porque não sei que sinto... estão tão cansada...

E ditas estas palavras deixou se cahir sobre os degraus do altar. Julia, ao vêr a pallidez que lhe banhava as faces o descomposto de suas feições, não pôde conter um grito de espanto e perguntou:

— Que tens, estás tão pallida?

— Não sei! dôe-me muito o peito e sinto uma sede espantosa!

— Então vamos, sahiamos d'aqui, amiga minha; vem deitar-te e o medico verá o que tens.

— Não, não, — replicou Valeria — já ha muito que tenho esta dôr.

— Ha muitos dias?

— Não, ha apenas tres dias; desde que a Violanta me deu uma pancada no peito, que desde logo me fez lancar sangue pela boca.

— Deus meu! — exclamou Julia — porque o não disseste ao medico ha mais tempo?

— Nem d'isso me lembrei; e demais, que podia fazer o medico?

— Curar-te! Vamos, vamos a vêr.

— Não, não sahiamos d'aqui; estou aqui muito bem, muito contente... isto é admiravel, formoso!

— Mas estás incommodada!...

— Não estou, não; continua contando-me a historia de Jesus.

Julia sentou-se ao lado de sua companheira e tomando-lhe uma das mãos, que notou secas e abrazadas, proseguiu:

— Foi condemnado a morrer crucificado, que era então o mais infamante dos supplicios, e o que destinavam aos malfeitores, aos assassinos. Os condemnados eram obrigados a levar nos hombros a enorme cruz em que haviam de ser cravados, o Jesus, o innocente, o Santissimo Jesus, levou tambem a sua cruz até o monte onde devia morrer.

Valeria voltou os olhos para a magnifica pintura que representava o que a sua amiga lhe ia explicando.

Valeria voltou os olhos para a magnifica pintura que representava o que a sua amiga lhe ia explicando.

E, coisa estranha! n'aquelles rasgados olhos negros, pouco antes tão feroces, brilhava agora a ternura, e todas as feições d'aquelle rosto moreno adquiriram pouco e pouco uma suavidade encantadora, que mais bellas as fazia ainda, apresentando-a de novo, tal qual como ao aproximar-se a vez primeira do leito de D. Antonia.

E' que o dôce o regenerador orvalho da nossa formosa religião, havia deslizado dos innocentes labios de Julia para se infiltrar no coração d'aquella desventurada menina.

Jámais a entusiasta imaginação de um pintor ha sonhado um quadro mais encantador que aquelle formado por aquellas bellas creaturas sentadas nos degraus do altar.

Uma quasi infiel, com sua vigorosa belleza, com o seu vestido de cigana, guarnecido de galões e lentejoulas, com suas negras e abundantes tranças estendidas pelas costas; a outra com sua belleza, suave e vaporosa, com seus cabellos dourados, seu rosto angelical embelezado ainda pelo enthusiasmo com que cumpria sua santa missão, com seu traje rico e elegante; aquella com as mãos cruzadas, escutando com os olhos voltados para o Salvador; esta explicando a historia sublime da nossa redempção; e depois a luz da

tardo entornando seus raios dourados por sobre aquellas duas peregrinas cabecas!

— Vejo — disse Valeria — quanto soffreu Jesus; porque os soffrimentos bem escriptos estão em seu rosto: quão pallido, quão triste está!

Julia olhou para a sua amiga e teve compaixão d'ella; estava quasi tão pallida como Jesus.

— Alli está já agonisando, — disse Valeria estendendo sua branca mão para o altar onde se erguia o crucifixo — vês como os seus labios parece moverem-se? pois dizem estas ternas e formosas palavras: — Senhor, perdoe a meus verdugos como eu lhes perdôo!

— E a quem fallava assim?

— A seu Pae, que está no céo.

— Estava então, ou está agora?

— Sempre esteve, está ainda agora, e estará sempre.

— Quem é, pois?

— E' Deus, todo poderoso, sem principio nem fim.

Julia callou-se, e a sua amiga ás palavras que ouvira não objectou uma só palavra.

O penetrante talento de que era dotada, vislumbraava já tão vastos horizontes de luz, tão esplendidos, tão radiantes de côres que offuscavam os olhos de sua alma.

— Eu, — disse após alguns instantes de silencio — conhecia já a Virgem Maria, porque uma cigana, julgando um dia que um filhinho seu, nascido ha poucos mezes, se finava, pedia de joelhos e com as lagrimas nos olhos, que a Virgem lh'o devolvesse á vida. Eu perguntei-lhe quem era a Virgem, e ella contestou-me:

— E' Mãe de Deus, a que nos dispensa todas as consolações; reza tambem, Edmunda minha, e a tua prece innocente alcançará da Virgem a vida para meu filho, porque ella escuta e ama as creanças que lhe dirigem suas supplicas.

E eu, prostrando-me de joelhos assim falei á Virgem Maria: Senhora, salva o menino! Senhora, dae-lhe a saude perdida, para que com ella restitua a alegria a sua mãe!

— E sarou?

— No dia seguinte estava bom. Então disse-me sua mãe: bem sabia eu, minha filha, que a Virgem te escutaria, porque é a fonte d'onde brotão todas as felicidades para os mortaes.

Desde aquelle dia, — proseguiu Valeria, com um accento cada vez mais baixo, mais soffocado — desde aquelle dia, fiquei amando muito a Virgem; e quando, ao recolher-me, notava ter grangeado pouco dinheiro, e que por isso estava exposta ás iras da Violante, aos seus maus tra-

tos, rogava-lhe que me desse mais, e no mesmo instante passava algum cavalheiro que deixava cair em meu regaço algumas moedas. E' por isto que louvo a Virgem em todas as minhas canções; é por isso que eu ainda ha pouco aqui cantei :

«Se rezar á la reina del cielo  
Com fé sim igual,  
porque es fuente de todo consuelo  
su amor celestial.»

Vamos agora, que, graças a ti, minha boa Julia, tambem conheço a Jesus, e quero ir ver se as *pasionarias* curaram de todo a senhora.

Ao pronunciar a joven estas palavras, abriu-se a porta da caplla, dando passagem ao conde e a Roberto, vindo aquelle vestido ainda com o seu habito de peregrino.

Ambos se ajoelharam, e elevaram ao reo fervorosa prece; um por haver encontrado a esposa e filhos, outro por ter encontrado o pae e a irmã.

Julia para se associar áquellas orações de piedade e gratidão, ajoelhou-se tambem, e resou com aquelle fervor com que o sabem fazer as almas candidas, ternas e innocentes, em quanto Valleria de joelhos tambem, contemplava a imagem de Jesus e de Maria.

—Oh Deus!—exclamou o conde a minha voz, collocando a mão sobre a cabeça de Roberto—Deus meu! protejei meu filho e fazei que as vossas bênçãos desçam sobre elle de envolta com as minhas!

Elle cumprindo um dos vossos preceitos de misericórdia poz termo ás minhas desventuras! *Dando pousada ao peregrino*, abriu as portas a seu pae enfermo e desvalido e lhe devolveu a paz!

*Dando pousada ao peregrino*, pode encontrar sua irmã, e dar mãe a esta desventurada menina até hoje tão infeliz! Abenço-a, pois, Senhor, como eu o abenço-o e dai-me muitos dias de vida para que eu possa ver sua mãe contente e feliz.

Um religioso silencio veiu seguir-se á bênção do conde, e um raio de luz coando-se atravez das cortinas de seda veio envolver as formosas cabeças das tres creanças ajoelhadas em volta do peregrino, aos pés da cruz, como se Deus lhe quizesse mostrsr, n'aquelle raio de luz que os contornava, que com a sua bênção lhe enviava a sua divina protecção.

—Dignae-vos tambem, Senhor, proteger estas innocentes meninas, permitindo que jámais se apartem dos braços de suas mães, nem do caminho da virtude! attendei, Senhor aos meus rogos, hoje que me acho diante dos altares da minha patria depois de seis annos de penitencia e peragrinação. Conservae minha filha pura e mavel, e fazei que esta outra seja sua irmã pelo coração e pela virtude!

E ao dizer estas palavras, o conde, com uma das mãos sobre a fronte de Julia, e com outra sobre a de Valeria, dir-se-hia um dos antigos patriarchas em meiode seus filhos.

Acabada a oração levantou-se o conde, e as tres creanças imitaram-o tambem,

enchugando algumas lagrimas que lhe brincavam nas faces. Eram lagrimas de gratidão, que a innocencia offertava áquelle pae, que pediu a Deus a sua divina protecção para ellas, protecção em que confiavam com a ardente fé da adolescencia

Depois, o conde apoiou-se no braço de Roberto, porque estava ainda muito debil, Julia sustentou Valeria, que a custo se podia ter em pé, e dirigiram-se assim os quatro á sala da meza, para tomar algum allimento, o que ha muitas horas não faziam, occupados cada um com as proprias emoções.

O jantar, presidido pelo conde, correu tranquilo e alegre. A marquezza, tendo sentada a seu lado Valeria, não pode reparar na notavel pallidez que a cobria, e contentava-se, á força de rogos e caricias, em a fazer tomar os alimentos que o medico lhe aconselhava.

Era quasi noite quando deixaram a meza. A marquezza passou ao seu quarto, para vestir Valeria com um dos trajés de Julia, e o conde, seus filhos e o medico, prepararam-se para pôr em scena o plano que haviam formado, e que deveria produzir uma crise favoravel no estado de D. Antonia.

(Continúa).

## SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

### La Ilustracion Española y americana

Temos recebido regularmente a visita d'esta notavel publicação illustrada, que vê a luz da publicidade na capital da visinha nação, e acabamos agora de receber o n.º 25, 1.º do 2.º volume do corrente anno.

São magnificas as gravuras que acompanham este numero, como o são todas as que nos tem dado tão esplendida publicação, destacando-se de entre todas, a que representa o Collegio da Immaculada Conceição, dos Padres Jesuitas, na rua de Vangirard, em Paris.

E' um edificio de amplas proporções, onde se accomodam 200 padres! Em frente da gravura que nos representa um edificio tão bem acabado, e que fora feito, talvez, á custa de muitos sacrificios, sobe de ponto a nossa indignação ante o attentado inaudito, atroz, estúpido, praticado pelo governo da França, em nome da liberdade!

Mas fallemos da *Ilustracion*, recommendando-a aos amadores como uma das mais bellas publicações que se fazem na Europa.

O seu preço é de 7\$520 rs. por anno, franco de porte.

## Oscilações

Firmado por L. A. Gonçalves de Freitas, temos sobre a banca um livro de versos, editado pela Empreza Horas Romanticas de Lisboa.

Inteiramente desconhecido para nós o auctor, tivemos, para o conhecer, de passar um rapido olhar pelas 140 paginas do livro; e, digamol-o francamente, não nos arrependemos de tal fazer porque tivemos occasião de admirar os formosos versos, sem cheiro a petroleo, e despidos de pedantesca impiedade, como soem pejar os seus versos os *junqueiros* e outras arvores que medram no mesmo terreno.

Na poesia o *Progresso*, da-nos o snr. Gonçalves de Freitas uma prova de que sabe o que seja o verdadeiro progresso, e que sabe que o progresso se dá melhor á sombra da cruz que á do braço que maneja o punhal assassino, bem o mostra nos ultimos versos da mesma poesia:

«Entre os disturbios maus e a paz que nos seduz,  
O riso de Marat, e o pranto de Jesus...  
Repillo as dissensões: — dou preferencia á cruz!

Muitas referencias quizeramos fazer, mas nem o tempo, nem o espaço o permittem. Contentamo-nos, pois, em repetir que o snr. Gonçalves de Freitas é um poeta que nos encanta com suas produções, e que não receiamos recommendal-as aos amigos de bons versos.

Ao editor agradecemos a offerta e ao leitor recommendamos-lhe o annuncio na *Folha solta d'este n.º*

## Portugal pittoresco

Conclue o 1.º volume, com o n.º 12, que acabamos de receber, esta interessante publicação que, sob a direcção do dr. Augusto Mendes Simões de Castro, vê a luz da publicidade em Coimbra.

A gravura d'este n.º representa a Fonte Fria, no Bussaco, esse sitio tão poetico, e tão preñado de recordações para o que alli entra despido dos preconceitos do epoca, e olha, do alto d'aquella escadaria, e atravez a folhagem dos seculares arvoredos para o ceo, onde tinha os olhos fitos o monge, que arroteara aquella montanha, tornando-a um eden de delicias, e d'onde o expulsára, em nome da liberdade, os Ferry portuguezes, que em 1834 tudo arrazaram sem se lembrarem de que eram impotentes para crear cousa alguma.

Que Deus lhes perdoe, aos demolido-

res, o mal que fizeram, é o que nós pedimos todos os dias de envolta com as preces que fazemos para que o habito dos Carmelitas Descalços se torne a ver n'aquella mansão de paz e santidade.

Agradecendo o n.º 12 do *Portugal Pittoresco*, desejamos a esta publicação uma nova epocha de prosperidades durante o anno que vai principiar, para que tenhamos mais um volume com que enriquecer a nossa modesta livreria.

### A Cruz do Operario

Cá nos chegou o n.º 2 d'este excellentes semanario que se publica em Lisboa, sentindo que o n.º 1 nos não fosse enviado.

Quando se quer arrastar a classe operaria para fora da Igreja unica parte onde ella é igual aos que tem dourados berços, grande serviço lhe presta quem vem encaminhal-a para o caminho que a leva á felicidade.

Bem vindo seja o novo collega, que com sua appareição nos vem animar no campo da imprensa jornalista onde não abundam os campeões da cruz.

Que ventos propicios lhe enfunem a bandeira que hasteia para que possa cobrir toda a classe cujos interesses vem defender, é o que nós lhe desejamos.

### O Brazil Catholico

Temos ante nós alguns numeros d'este magnifico jornal catholico publicado no Rio de Janeiro sob a direcção do sr. dr. Antonio Manoel dos Reis. E' um soldado destemido, que brada de sobre as muralhas da imprensa catholica do Brazil, em prol da causa da religião e da sociedade, tão estupidamente guerreada pela imprensa impia e maçonica d'quelle bello paiz.

Agradecemos a troca que o illustre collega faz com o *Progresso Catholico* e d'aqui lhe enviamos um cordeal aperto de mão.

F. DE GUIMARÃES

### RETROSPECTO DA QUINZENA

Ao firmar os dois decretos, cuja execução acaba de realisar-se, o governo da republica franceza firmara conjuntamente o decreto da sua ruina.

Ao fechar as portas dos templos onde os filhos de Santo Ignacio de Loyola, elevavam suas preces ao Deus verdadeiro, de envolta com nuvens de fumo do incenso, a republica franceza alargava amplamen-

te as barreiras da França para dar livre passagem aos filhos de Satanaz, que não ha muitos annos faziam reprecuir nas ruas de Paris os gritos de morte e destruição, de envolta com as nuvens de fumo levantadas dos mais bellos edificios, que cahiam carbonizados, lambidos pelas linguas de fogo que a canalha descrente alimentava, para mostrar ao seculo dezoenove, ao clero sinistro d'uma chamma imensa, o drama mais sanguinamente horrivel, que jámais haviam presenciado povos civilizados.

E' que a Republica franceza, maçonicamente athea não se achava bem entre os homens da roupeta negra, que ensinavam á mocidade a amar a Deus e a respeitar a auctoridade, ao mesmo tempo que lhe infiltravam nas almas juvenis o horror a toda a casta de tirannia; dão-se melhor com os homens do gorro frigio, que ensinam ás creanças, desde os mais tenros annos, a negar Deus, a desrespeitar a auctoridade, e que lhe infiltram na alma o odio á virtude e á honradez.

A Republica franceza dá-se melhor com os homens do punhal e do archote, que com os homens da cruz e do breviarium; por isso espulsou estes e admittiu aquelles.

Mas os jesuitas sahiam abrindo caminho por entre as turbas que se curvavam a sua passagem, e tropessando, não raras vezes, nas danças da primeira sociedade franceza, que se prostravam de joelhos para receber as benções dos soldados de Jesus; e os incendiarios de Paris entravam ao som das bandas marciaes, abrindo caminho por entre a canalha esfarrapada, que se curvava diante d'aquellas feras que os conduziam ao roubo e ao assassino.

Os jesuitas sahiam aos gritos de vivam os jesuitas, viva a liberdade; os comunistas entravam aos gritos de viva a communa, morrão os jesuitas.

Os jesuitas sahiam apertando ao peito a cruz, o emblema da paz e da regeneração social com que salvarão a França; os comunistas entravam, escondendo nas pregas da blusa o punhal, ainda tinto no sangue das victimas innocentes, com que vingarão os jesuitas.

Os jesuitas sahiam deixando os thuribulos com que incensavam os altares sagrados, que servirão para saciar a cubica da Republica; os comunistas entravam contentes por encontrar já compostos os thuribulos onde queimarão petroleo, que ofertarão ao deus do despotismo—as Tullherias e os demais edificios que o mundo admira, e que vão ser de novo os thuribulos onde elles queimem o petroleo em honra da queda da republica e da morte dos que expulsaram os jesuitas.

E enquanto os agentes do governo levavam a bom termo o cumprimento dos decretos contra as ordens religiosas, os jornaes pouco alleiçoados á religião soltavam gritos de indignação contra o despotismo que neia em França.

Mr. Girardin, escrevia na *France*: «Se o inimigo fosse o clericalismo, o golpe que sobre elle acaba de descarregar uma mão pouco habil, longo de o abater, dar-lhe-hia mais força.

Está empenhada a lucta braço a braço. Onde nos levarão os excessos do governo? E' esta a unica pergunta que faço a mim mesmo ao escutar angustiado quanto se diz.

Não, não, o inimigo não é o clericalismo; o verdadeiro inimigo são estas arbitrariedades. E este inimigo só se vence com a liberdade e não com o despotismo.

Mr. Ferry em vez de dirigir e atacar a tirannia e a arbitrariedade, dirigisse á liberdade e fereia de morte.

Sim, está perigosamente ferida porque o reino da liberdade é o reino da razão, e onde estejam desencadeadas as paixões, a razão não se escuta.»

E conclue Mr. Girardin com estas palavras:

«O programma Ferry é a maior excitação dos partidos; é a fermentação das paixões; é a agitação em lugar da acção; é a discordia mais ardente que nunca, em lugar de pacificação; é a politica falsa e retrograda.»

A *Liberté* cujos sentimentos republicanos ninguem ignora, falla n'estes termos:

«O que mais nos afflige na lucta do Estado contra a Igreja que n'estes momentos presencia a Europa, é ver que os governos carecem do sentimento da grandeza moral necessaria para resolver questões tão difficeis. A alma entristece-se ao pensar nas funestas consequências d'esta lucta entre a sciencia e a fé, entre o radicalismo moderno e o misticismo da Edade media, entre estes dois mundos e estas duas civilisações, de cujo choque pôde sair a luz, posto seja mais facil sair a chaos.

«Supponhamos porém que o problema da crise religiosa é uma grande evolução no movimento progressivo da humanidade; supponhamos que a causa dos Ferry e dos Freycinet é a maior das causas; ainda assim teremos de confessar que o procedimento empregado para fazel-a triumphar é detestavel e que recorrer ao gasto meio da perseguição e da intolerancia, é desconhecer até os seus proprios interesses.

«Na verdade que fizemos em França? Fechar algumas capellas; expulsar das suas cellas cidadãos inoffensivos; dispersar alguns jesuitas que serviam a causa da humanidade e fechar alguns estabelecimentos de beneficencia. E, levando a cabo tão violentos actos, julgamos haver conseguido uma grande victoria, e felicitando-nos com enthusiasmo, atrevemo-nos a exclamar: «O clericalismo era o inimigo, e o clericalismo está vencido.»

«Pois não, senhor, não está vencido; está mais forte do que nunca esteve. Esses jesuitas expulsos de França significam a liberdade violada por um governo que havia escripto essa mesma palavra na sua bandeira; significam a intolerancia de um governo que perdoa aos incendiarios da Communa. Hoje defendem os jesuitas não só os que crêem, como os que não crêem; os tibios converteram-se em fanaticos; os scepticos em crentes; os liberaes avançados esquecem-se do que os separam dos verdadeiros catholicos, para só verem uma coisa, e é que periga a liberdade de cons-

ciencia, e é que se ataca os cidadãos na independencia da sua fé religiosa, e isto basta para que todos, crentes e não crentes, francezes e estrangeiros, defendam os jesuitas expulsos.»

Ahi ficam as palavras com que o jorna- lismo liberal e republicano stigmatizam os actos do governo francez.

Voemos da França ao Brazil, onde a *Boa Nova*, do Pará nos dá a boa nova de que o povo d'aquella cidade fez tudo quanto pôde para desaggravar o Sanctissimo Sacramento, por meio da oração, dos insultos que um filho desnaturado perpetrára em plena rua.

Pelo que se diz na primeira pagina d'este numero, e pela Pastoral do venerando Prelado do Pará, já sabem do atroz attentado contra o Sanctissimo Sacramento. Vamos agora transcrever da *Boa Nova*, a maneira como o povo paraense correspondeu ao chamamento do seu Pastor :

#### O DESAGGRAVO AO SS. SACRAMENTO

«Domingo S. Exc.ª Rev.ª subindo ao pulpito, por occasião dos exercicios da devoção do mez Marianno, leu com maximo sentimento a Pastoral que dirigiu ao clero e fieis do Pará e Amazonas relativa ao hediondo insulto que recebeu o Sanctissimo Sacramento na rua do Espirito Santo.

Ao terminar, S. Exc.ª fez um eloquente discurso em que exalava sua dôr por tão desagradavel e odioso facto, declarando que estava de lucto com os fieis, os catholicos todos d'esta diocese até que o Adorabilissimo Sacramento de nossos altares fosse desaggravado.

S. Exc.ª historiou com palavras de muito sentimento o que se passou na tarde de 20 do corrente, mostrando o horror do crime e a baixeza e vilipendio do insulto, de modo tão vivo, tão saturado de dôr, que o auditorio todo commoveu-se, arrancando muitas lagrimas.

Por ultimo S. Exc.ª, determinou, na forma da sua Pastoral, os dias 21, 25 e 26 do corrente para ter logar na cathedral a exposição perenne do Sanctissimo Sacramento como nas quarenta horas, com preces sollemnes de desaggravo e a *Ladainha dos Santos*.

Para estes actos de reparação S. Exc.ª convidou todos os fieis d'esta cidade, sem distincção de posição ou de classe.

O povo correspondeu admiravelmente a este appello do eminente Pastor das nossas almas.

Segunda feira desde as 5 horas da manhã começou a agglomerar-se o povo na cathedral, de sorte que ás 6 1/2 da manhã, quando foi feita com solemnidade a exposição do Sanctissimo Sacramento, era immenso o concurso que alli estava protestando amor e fé A'quelle que os anjos adoram tremendo.

Precedeu á exposição, conforme S. Ex.ª Rev.ª determinára, uma missa no altar do Sanctissimo Sacramento na qual commungou grande numero de fieis.

Durante o dia o povo affluia em ondas, sobre tudo nas horas menos calmas, de

maneira que á noite, á hora das preces, o templo regorgitava como um auditorio tão vasto como o das nossas maiores solemnidades.

No fim das Ladainhas, S. Exc.ª occupando a cadeira sagrada provou com argumentos extrahidos das Santas Escripturas e de razão theologica a presença verdadeira e real do Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo na divina Eucharistia.

Explicou o modo como Nosso Senhor está presente na hostia, mostrando a profunda ignorancia d'aquella blasphemia horrivel de ser o Sacramento digerido como os mais alimentos.

A Communhão é um alimento todo espiritual, o corpo de Christo é intangivel no Sacramento, e isto dá-se ate com a substancia de todos os corpos que são sensiveis por seus accidentes e nunca pela substancia.

Sobre este ponto S. Exc.ª deduziu magnificos argumentos que convenceram de modo clarissimo a todos quantos tiveram a felicidade de ouvi-lo.

Hontem continuando o triduo da exposição do Sanctissimo Sacramento, foi a missa grandemente concorrida augmentando em tresdobro o numero das communhões.

A exposição fez-se com muito maior solemnidade.

O fervor vac crescendo de hora para hora.

Deus, enfim, quer tirar do mal o bem, permitindo que a devoção ao Sanctissimo Sacramento se dilate entre nós.

O povo não só tem frequentado estes actos de desaggravo com muita e assidua piedade, mas quer completar a reparação fazendo uma fervorosa communhão geral no dia de Corpus-Christi de manhã na cathedral.

Prepara-se uma esplendida solemnidade.»

Ainda no passado numero d'este jornal se fallava de uma igreja que a piedade d'um cavalheiro das proximidades de Coimbra levantava das ruinas, e já hoje podemos noticiar a reedificação d'um outro templo.

Prestes a cahir em ruinas se achava a parochial igreja de Rigueira de Pontes, a pouca distancia de Leiria, quando um dia o reverendo parcho Manoel Francisco Gaió se lembrou reedificá-la.

Mas onde obter recursos para uma obra tão dispendiosa?

A providencia que não deixa de ajudar aquelles que de boa vontade se empenham em uteis tentativas, apontou ao iucansavel parcho o nome d'uma senhora respeitavel, que poz á disposição das obras da igreja todos os seus haveres.

E a igreja fez-se, e o povo da freguezia, reconhecido ao zelo e desprendimento da religiosa senhora, que dispensou mais de oito contos de reis, erigiu-lhe uma lapide com a seguinte inscripção :

«O povo d'esta freguezia, cheio de reconhecimento, levantou esta memoria, no dia 7 de junho do anno da graça de 1880, á ex.ª sr.ª D. Julia das Dores da Silva Crespo, porque generosamente reparou

á sua custa e ornou com grande esplendor e magnificencia esta igreja, que estava já desabando com o pezo dos annos, e a enriqueceu com tres imagens de santos e varias alfaias; construiu pelos fundamentos uma torre e augmentou a outra que já existia, guarnecendoas de um relógio e dois sinos.»

Ao ler esta noticia, dada á *Pulavra* por um correspondente de Leiria, sentimos na alma um prazer indiscriptivel, e ao reproduzi-la no *Progresso Catholico*, enviamos um voto de louvor e de agradecimento á nobre dama, digna descendente de antigas portuguezas.

• •

E' ainda do nosso collega da *Boa-Nova*, que transcrevemos a seguinte contissão, que mostra mais uma vez o estado da maçonaria.

«Sob o titulo *Val. dos Beneditos*, e assignado *Zebelum*, lê-se no *Jornal do Commercio* de 6 do corrente um extenso artigo sobre a guerra intestina que lavra no seio da chafarica.

Entre outras faz o ir.ª *Zebelum* a seguinte revelação que merece ficar archivada :

«Emquanto a Ord.ª gastava dinheiro com inaudita prodigalidade para levantar um pedestal de papel a um politico que principiou defendendo a Ord.ª dos ataques do Papa (!) e acabou quando o cylindro do realejo ficou *desdentado*, — os maçons esmolavam pelas ruas e praças, muitos gemiam na penitenciaria sem defeza, e outros morriam na Misericordia, nos braços da caridade publica!

O dinheiro da maçonaria parece ter a maldição de Deus, porque não produz senão desgostos, vexames, perseguições e odios!

Ao passo que as instituições religiosas e profanas tem seus edificios proprio, suas caixas economicas, sua hospitalidade beneficente, enfermarias, escola bibliotheca e protecção delinida a seus irmãos ou associados; ao passo que as mesmas sociedades de recreio vivem, divertem-se e prosperam, custeando vantajosamente as suas despesas e tornando-se proprietarias de apolices e de casa em que funcionam, — a maçonaria escorrega por um declive mysterioso e fatal, anda sempre em revolta intestina, tem uma receita avultada, e não fazendo cabedal do seu unico compromisso — a beneficencia —, não tem um real em caixa, antes está onerada com uma divida, segundo o ultimo relatório da comm.ª de fim.ª!

Porque abysmo desaparecerem os saldos que seus balanços esquivam da publicidade maçonica!

E' materia que reservamos para um segundo artigo.»

Esperemos pelo resto, que ha de ser muito edificante. Brigam as comadres, descubrem-se as verdades.»

J. DE FREITAS.